

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA : — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 34 — SABBADO, 23 DE AGOSTO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARY.

As minhas calças (continuação) — O Castigo do Senhor (continuação) — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) Inauguração do caminho de ferro da Bahia — Ilha de Santa Catharina — Uma rua de Constantinopola — Palacio dos duques de Bragança, em Villa Viçosa — Pharol de N. S. da Guia — Contos e Lendas — Uma rua de Moka — Saudade — Impressões de viagem (continuação) — Um livro novo — Bibliographia. GRAVURAS — Ilha de S. Catharina — Pharol de N. S. da Guia — Palacio dos duques de Bragança — Inauguração do caminho de ferro da Bahia — Uma rua de Constantinopola.

AS MINHAS CALÇAS !

(MANUSCRITO ENCONTRADO EM UMA TRAPEIRA.)

Continuação

TERCEIRA BORRASCA.

— Joanna.
— Senhor ?
— Vou sair. Dê-me camisa, calças e collete. As botas, chapeo e casaca cá estão fora.

E a senhora Joanna, a minha governante, (tinha sessenta e dois annos d'idade; mencio- no isto por causa da moralidade) appareceu na alcova arrastando os pés, e apresentou-me uma camisa velha, mas clara e bem engomma- da, um collete de setim preto e as fataes calças.

— Ó mulher ! tire para lá essas calças ; queime-as.

— O senhor pode queimar-as, que seu dinheiro lhe custaram, respon- deu a velha com mau humor, habi- tuada como estava a fallar mais alto do que eu, e a reprehender-me pe- lo menor desperdicio.

— Já lhe disse que não quero ves- tir mais essas malditas pantalonas.

— Pois mande fazer outras que as substituam.

— Porventura não tenho eu mais nenhum par de calças ?

— Tem, brancas, de linho e de algodão. Veja se as quer ; no prin- cipio de março, em que estamos, vae fazer de embaixador da primavera.

— Então não tenho umas calças pretas, mulher do diabo ?

— Mulher do diabo, não senhor, porque nunca fui casada. Quanto ás suas calças pretas ensopou-as hon- tem no lamaçal, e ainda não estão enxutas, apesar do raio de sol que visitou de fugida este palacio.

Cem vezes tive tentações de pôr

a velha Joanna no meio da rua, mas sempre me arrepen- dia. Sinto que me hade fazer falta esta cegarrega, quan- do ella morrer, ou que eu me ausente de Lisboa.

Para não questionar mais com a governante, que afi- nal sempre tinha razão, resolvi-me a envergar a calça ver- de de listas roxas, e fiz comigo mesmo estas philosophi- cas reflexões :

— Isto é um prejuizo estúpido. O que succedeu tinha de succeder, ainda que eu só usasse dos calções de S. Se- bastião. E de mais, vamos a experimentar se me acontece terceira borrasca ; em tal caso levam baixa do serviço as excumungadas calças.

Vesti-me, e saí para a rua.

Começava a anoitecer. Tiuha passado o mau tempo. Crusando o Rocio encontrei o meu amigo Ernesto.

— Vamos tomar alguma coisa, me disse elle.

— Vamos, respondi eu, com a minha habitual con- descendencia.

Entrámos no Café Suiso.

— Faz frio ; venham dois grogs de França.

Acenderam-se os competentes charutos, para acom- panhar a libação ; e demorámo-nos ainda algum tempo no botequim, assistindo a uma renhida partida de xa- drez, em que estavam empenhados um doutor sceptico e um militar enamorado.

Ganhou o sceptico, como era de suppor.

— Vamos ao theatro de D. Maria, disse-me Ernesto, sabes que se representa hoje um novo drama do incansa- vel Mendes Leal.

— Pois vamos, respondi eu, sempre condescendente.

E de facto entrámos para a platéa do theatro normal.

A concorrencia era pouca, segundo o costume. Havia dança nova em S. Carlos, e pulavam uns marroquinos no theatro de D. Fernando, além de se representar uma ap- plaudida magica na rua dos Condes ; objectos muito mais attrahentes do que um drama bem escripto. Poucos ca- marotes estavam occupados, porém um d'elles tinha qua- tro senhoras sentadas na frente, e um homem, de pé, no fundo.

Das quatro mulheres, tres eram velhas, e uma muito nova e formosa.

O Ernesto complimentou-as.

E eu tratei logo de saber quem ellas eram, porque sympathisei devéras com a rapariga. Comecei porém o interrogatorio, perguntando por uma das velhas.

— Quem é aquella carcassa de vestido cõr de aboho- ra-menina ?

— É minha tia, respondeu fleugmaticamente o meu amigo.

Primeiro desapontamento !

— Não digo essa, acudi logo. A- quella muito negra, de laços escar- lates ?

— Minha mãe, disse ainda o Er- nesto, sem se alterar.

Segundo desapontamento !

— Ora ! repliquei eu, já meio atra- palhado ; a outra ; aquella muito feia ; a de oculos ?

— Minha irmã.

Terceiro desapontamento !

— Com effeito, tens uma familia horrorosa ! accrescentei eu, rindo, mas envergonhado da minha indis- crição. Todavia, se a outra é tua pa- renta tambem, está salva a honra da familia pela parte da belleza.

— É minha prima, casada com aquelle homem, que está no fundo do camarote.

A este tempo já a gentil senhora fixara em mim a vista, por mais de uma vez, atravez dos vidros de um elegante binoculo.

Declarei-me mentalmente apaixo- nado. Considerei-me na primeira li- nha dos seductores, e comecei a fa- zer fogo (de luneta) sobre aquella praça, que contava render, ainda que fosse tão forte como Sebastopole ou Crónstadt. Gibraltar mesmo que ella se supozesse.

— Eulalia caçou comigo, accres- centei eu *in pello* ; o Guedes tam-



A ilha de Santa Catharina

bem me fez penar, suppondo-o donzella; mas d'esta vez não ha perigo de casamento forçado, nem probabilidade de engano no sexo, porque se trata de uma mulher casada.

Esquecia-me, porém, de que ha *azas de pau*, e que eu tinha vestidas as *minhas calças fataes*, especie de conductor electrico que me punha em contacto com a desgraça.

Namorei como um verdadeiro janota, e julguei-me correspondido, postoque a menina se ria amiudadas vezes. Sempre attribui aquella hilaridade aos bons ditos da peça, ou á aptidão dos actores, e nem levemente supuz que podesse ser eu o alvo de taes risinhos.

Em um dos intervallos d'acto, pedi a Ernesto que me apresentasse á sua familia, ao que elle se prestou da melhor vontade. Comprimentei o senhor Barros, que me recebeu cordalmente; tratei de me fazer amavel com a sua esposa; e não deixei de dirigir algumas expressões banaes ás tres herdeiras das parcas.

Amelia Barros teria, o muito, vinte e cinco annos de idade. Olhos negros, como os seus, nunca eu tinha visto nem tornarei a ver! Bocca rosada, dentes lindos; uma cintura delicadissima; braços, mãos, collo, tudo tão bem torneado!... Era encantadora. Mas no franzir da testa, no apertar dos beiços, na perspicacia do olhar, adivinhei logo que não estava diante de uma mulher vulgar, de uma d'essas *coquettes*, que constituem a maxima parte do que se chama *boa sociedade* em Lisboa.

Tão espartinha como ella me saiu, é que eu assim mesmo a não suppunha!

Apenas começou a symphonia saímos do camarote, e voltei á platéa, para continuar o bombardeamento.

Ha coincidencias que parecem avisos do ceo!

Abaixando-me para apanhar o chapéo que caíra no chão, reparei nas calças que tinha vestidas, coisa em que ainda não pensara no theatro; e ao mesmo tempo pronunciou um actor no palco, com voz solemne, a palavra: — Fatalidade! porque assim lh'o determinava a peça. Voltando-me em seguida para o camarote, vi os esposos que segredavam, olhando para mim... Deveria desistir da conquista?

Lembrei-me que a torre de Malakoff tinha caído, apesar de todos os prognosticos em contrario, e despresei os maus agouros, como christão e como philosopho.

No fim do espectáculo, disse-me Ernesto que ia acompanhar a familia a casa; eu segui-o até ao camarote, e lancei o chale sobre os hombros de Amelia. Depois offereci-lhe o braço, com approvação do marido, e caminhamos a par e conversando até á rua de S. Bento. Ernesto e duas das seresmas ficaram no Poço Novo. Não perdi o tempo... Sou tão esperto!... Alcancei uma entrevista da minha bella para as duas horas da noite!

Isto é que é chegar, ver, e vencer — como Cezar!... Que calças!... Fizeram-me levar umas calças desde a rua de S. Joaquim até ao Rato... arranjaram-me uma mystificação, e onze moedas para fora da algibeira... e agora!... Vão ver; de mal a peor.

Saimos do theatro á meia noite.

Do Rocio á rua de S. Bento — meia hora.

Faltava hora e meia para ter logar o *rendez-vous*. Em que se hade entreter hora e meia, em Lisboa, de noite, e por este bairro?

Fui passear para o largo das Côrtes.

E a sentinella de volta comigo: — Quem vem lá? ... Passe de largo.

Deu uma hora. Rendem-se as sentinellas, e o cabo da guarda a perguntar-me o que faço ali a taes deshoras. Respondo-lhe a verdade, e elle manda-me retirar com modo brutal. Então dá-me vontade de travando uma pendencia com o tyrannete de dois galões, mostrando-lhe que tenho o direito de passear aonde quizer; mas lembro-me que posso ser preso, pois que contra a força não ha resistencia, e por nenhuma forma quero deixar de concorrer á entrevista. Retiro-me praguejando, e vou de passeio até á Estrella.

Defronte da basilica ouço soar a meia-hora, e volto a passo pela calçada abaixo. Chego á entrada dos Poiaes de S. Bento, viro á esquerda, e passo por baixo do arco. Só encontro uma patrulha da guarda municipal, e dois moços de padeiro que vinham com os taboleiros do forno. Nem o ladrar de um perro quebrava o silencio da noite. Assim cheguei á porta da minha amada. Logo depois bateram as duas horas.

Cosi-me com a grade de uma janella da loja, junto ao portão principal, e tossi com pouco estrondo.

Uma voz doce, a voz de Amelia, perguntou-me muito de mansinho: — És tu?

— Sou, respondi eu, e estendi os braços por dois dos intervallos das grades, em procura do gentil corpo da esposa do senhor Barros...

Horrible, horrible, most horrible!...

Quatro forças mãos me seguraram cada um dos braços, comprimindo-me o peito contra as grades; e antes que tivesse tempo de gritar, senti a bocca tapada com uma mordada.

Que queriam de mim? Aquella hora da noite, manietado, sem falla, sem mesmo poder enxergar os meus algózes, porque uma escuridão completa reinava para dentro das grades?!... E nem uma palavra sequer!...

Senti abrirem-me as mãos, que eu conservava cerradas pelo desespero impotente, e em cada uma d'ellas deram-me meia duzia de palmatoadas!...

Antes o salto da rua de S. Joaquim; antes preso com o labeo de ladrão ou de seductor; antes todas as mystificações... mas palmatoadas!

Chorei de raiva, e teria feito a cabeça em pedaços contra as grades da janella, se me não tivessem soltado rapidamente.

— O senhor é um rapaz, disse uma voz, que eu reconheci ser a do senhor Barros, console-se que na sua idade não lhe fica mal uma d'estas. Agora que aconteçam a *homens serios*, como um que o senhor e eu conhecemos... isso lá é mais extemporaneo!...

As reflexões talvez fossem consoladoras, mas eu não o entendi assim. Dirigi ao senhor Barros quantas palavras insultantes me lembraram, não poupei a sua esposa, nem os seus satelites, mas como não obtivesse resposta alguma, parti jurando vingar-me.

No outro dia procurei o senhor Barros em casa, e propuz-lhe um duello de morte. Respondeu-me fleumaticamente que se não batia, posto que fosse conhecido por um dos mais valentes officiaes do nosso exercito. Que elle não contava a anecdota a ninguem; que sua mulher faria o mesmo; e que os famulos não me conheciam.

— Agora o senhor, terminou elle, se quer, pode relatar a historia á sua vontade.

— Foi-se-me o rancor, e peço mesmo que me perdoe a affronta que intentei fazer-lhe... Dá-me a sua mão?...

— Dou. E digo-lhe do coração que sinto não ter apanhado em seu logar um d'estes *velhos meninos*, d'estes diplomatas em disponibilidade, que se atrevem com todas as mulheres, apesar do chinó, das suissas pintadas e dentes postiços. Fiquemos amigos. Hade vir amanhã jantar comigo.

— E a senhora?

— Descanse; foi por oito dias para Cintra. Não tereis mulheres á mesa.

Continua.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação.

II

O PRIMEIRO PASSO LEVA AO ULTIMO.

O susurro que fazia a multidão dos complices em tantos attentados, ia perdendo-se aos ouvidos de Paulino, e elle entrava com Theodoro n'um quarto pequeno e retirado; mudava a chave e punha-se assim ao abrigo d'importunos que viessem cortar-lhe a manifestação da dôr funda e dolorosa que pretendia confiar ao seu amigo.

Os dois estavam sós. Theodoro estremecia diante da confissão que ia escutar, que no rosto do companheiro lia quanto ella devia ter de terrivel; mas a amizade que liga inda mesmo no centro do crime, quando elle não é um corollario da organização perversa, mas um resultado fatal de infinitas miserias que se enroscam em torno de desgraçados, ou fadados pelo destino para muita magoa, ou mandados pela Providencia para expiarem na terra os crimes dos homens todos; a amizade dava-lhe coragem para quinhoar, e proteger se pudesse o homem a quem devia a vida.

Paulino, como que vergando ao peso de tanta cruz, ajoelhou e encostando os braços ao pequeno leito que existia no fundo do quarto, inclinou a cabeça sobre os braços, e as lagrimas inundaram-lhe os olhos — Oh! meu Deus, meu Deus, que será de mim? Como eu soffro.... parte-se-me o coração.

— Protector amigo, interrompia o mancebo, tenho-vos visto sempre corajoso e forte, e agora dobras ao peso da desgraça? E levantava nos braços o infeliz que a dôr prostrara.

— Tu és a unica alma que pode comprehender-me, chorar-me talvez, exclamava elle, achaste-me no meio de criminosos, e achaste-me seu chefe; deveras crer-me o mais atroz delinquente; mas é mentira, os meus crimes são obra do mundo, e não minha; fui levado á mais vil abjecção; tragava o calix do martyrio, porque entornava o da vingança!... mas hoje... escuta... amigo... eu amo.

— Bem o sei, disse tranquillamente Theodoro, mas essa febre hade passar, é mais uma razão para que partamos.

— Pelo contrario, é por ella que eu heide ficar.

— E perder assim os que te confiaram a sua guarda.

— Bem; que partam, eu morrerei só.

— Partiremos todos, salvar-te-has ao nosso lado. Ha todavia um meio... se ella te amasse.

— Que queres dizer?...

— Não comprehendes?...

— Cala-te, bradou elle, espantado e passando as mãos pela fronte como horrorisado do pensamento do Filho da Tormenta, — intendo tudo!... não quero; era um crime.

— Todavia o teu amor, longe d'aqui não a faria corar, tu estás rico, ninguem te conheceria, ella mesmo ignoraria tudo.

— Roubar uma filha a seu pae, é um crime para que

eu não tenho coragem! — Theodoro, o primeiro passo na minha carreira criminosa foi roubar um filho a seu pae, foi esse o que me poz o punhal na mão; foi porque o demonio me gritou a vez primeira — fere — é por elle que gyro ha quinze annos n'uma roda de infamias — não; não posso.

— N'esse caso, juro que te não comprehendo; o tempo urge, e é força abrigar-te da tempestade que brame em torno de ti, e de nós todos; é força caminhar.

— Se tu podesse penetrar na minha alma, aconselhar-me-hias o contrario, balbuciava quasi em pranto o Castigo do Senhor, mas ouve, tu és meu amigo, não é verdade?

E apertava a mão do mancebo.

— Assim o juro; tudo que por vós puder fazer, contacte com um braço de mais para a vossa vontade.

— Muito bem, continuava o chefe, atirando-se sobre a cadeira que se achava ao pé da unica mesa que ali estava; vaes ficar mais ligado ao meu tormento, porque a piedade é um laço que prende aos entes desditosos; vaes ver-me não como um criminoso, mas... eu sei... talvez como um martyr.

— A minha maior ventura, se não puder consolar-vos, será quinhoar as vossas magoas.

— O mundo é infame, dizia Paulino como que a si mesmo, abandona o homem no seu labyrintho infinito; deslumbra-o com a realisação de paixões más; e só acorda depois para o despresar, e para n'um excesso de moralidade o amarrar implacavelmente á sua deshonra.

— Paulino, é força que tudo me confieis, e mui de breve! O tempo adianta-se, e pode, dizia Theodoro sentando-se ao lado de Paulino que chorava, e pode depois faltar-nos, e entregar-nos assim á condemnação.

— Como cavam fundas as recordações, começava o criminoso; como me lembro com saudade da minha infancia passada aqui n'esta mesma casa, ao lado da minha santa mãe, que felizmente a Providencia levou antes que eu commettesse o primeiro crime; como a imagem austera de meu pae vem collocar-se diante de mim a fulminar-me!

— Logo este palacio em que estamos...

— Sim, é onde me deram um berço, e onde eu queria achar a sepultura.

— Mas como podeste chegar então...

— Uma mocidade solta e livre, é a caução d'uma velhice deshonrada. Rico e poderoso, quiz aos dezeseis annos brilhar na corte de Lisboa; meu pae nada podia recusar aos filhos que amava como penhores da leal amiga que perdera; o meu nome que era famoso, entre os famosos nomes portuguezes, dava-me ensejo a cumprir quanto desejasse; ninguem resplandecia mais, pelo circulo de oiro que o rodeava, do que o miseravel que ora vedes, e que se despenhou dos braços da virtude na estrada dos salteadores; ninguem erguia mais alto a sua nobreza do que o filho de D. Pedro de Athaide; do que o que trocou ha quinze annos os braços dos seus antepassados pelo punhal do assassino!

E encostava a mão ao punho, e enxugava as lagrimas que lhe rebentavam do coração; Theodoro em silencio encarava com dôr o nobre e rico senhor que uma desgraça, para elle ainda desconhecida, impellira a tal delirio de perdição.

— A corte creada pelo oiro, continuava o filho de D. Pedro, é numerosa e fatal; o desejo de brilhar sempre acima d'esses homens, plantas parasitas, que se acoitam á sombra das lisonjas, para conquistarem a amizade dos inexperientes, amizade que nunca retribuem, é implacavel e crescente: eu quiz ser tão louco, tão prodigo e perdido, que meu pae, estremecendo diante do futuro, aconselhou-me como um honrado e nobre velho — resisti! revelei emfim a um dos que mais crera meu amigo — e sabes quaes foram as suas palavras, sabes?...

— É facil de prever... foi o primeiro passo.

— Que leva sempre ao ultimo, continuava em pranto o pobre a quem a dôr prostrara; cheguei a acreditar que apoderar-me do oiro de meu pae não era um crime, por que elle devia um dia pertencer-me! roubei sommas consideraveis... até que meu pae vindo no conhecimento do desdoiro do meu nome, que ia reflectir no seu, tentou fazer-me partir para o Novo Mundo. Tudo estava assentado, mas quem já encetara a vereda não podia retroceder; joguei, perdi mais do que poderia pagar com os meus rendimentos de tres annos; a noite que eu passei não é possivel que a comprehendas, só sabe sentil-a no pensamento, quem derramou lagrimas dez horas vendo a deshonra e a perdição a encaral-o por toda a parte, e sem poder fugir-lhe nem um passo!

— Sinto n'alma essa dôr profunda, disse o amigo de Paulino, o abysmo estava aberto; era mister um esforço gigante; não vos foi possivel, sorveu-vos a voragem.

— Morri! Meu irmão estava em negociações na França; lancei mão de todo o oiro que encerravam os cofres de meu pae, mas receioso da sua colera, do seu resentimento tão justo, sepultei o crime em novo crime; e fugi lançando por todas as partes o fogo aos tectos em que nascera. Mas Deus quiz fazer-me mais criminoso ainda; debalde quizeram salvar o pobre velho; as chammias correram rapidas, e o braço Omnipotente enterrou nas cinzas de meu pae a minha innocencia e a minha honra.

— Ah! Santa Virgem, exclamou Theodoro erguendo-se, como Deus pune! O que será de nós!

E a fronte de Paulino, pendente sobre o peito, palli-

da e demudada, era banhada pelas lagrimas, raios da justiça de Deus; e os remorsos que lhe punham a alma, eram os anjos do Senhor que o condemnavam: o peito arquejava-lhe com força, unicamente o silencio podia seguir a confissão do crime, que horrorisava ainda os criminosos.

— Meu pobre irmão, continuou elle, ao cabo d'algum tempo soube da morte de meu pae; e por lá quiz correr o seu destino, nunca mais soube d'elle. Esta casa, em parte destruida pelo fogo, esteve por muito abandonada; tem quasi caído em ruinas. A justiça perseguiu-me, o pouco que levei exauriu-se breve, os amigos deixaram-me, o mundo que me acenava com os prazeres, que m'os fizera comprar por tão horroroso preço, cuspiu-me na fronte despreso e deshonra, deixou-me na miseria! tive medo, fugi; tive fome, roubei! E fiquei preso para sempre a este pelourinho d'infâmias, e é esta a minha sina, e heide cumpril-a!

— Agora posso emfim, meu amigo, comprehender essa generosidade, que mal podia casar ao vosso cargo; quando me fizeram escolher entre a complicitade e a morte, e que escolhi como devera, morrer antes honrado do que viver criminoso, comprehendo porque me distestes a sós, n'este mesmo logar em que ora estamos, que podia aqui viver sem crime, que jámais me forçariéis a manchar-me de sangue nem de vileza, e que só desejaveis um amigo, que não tivesse endurecida a alma no assassinato e no roubo; comprehendo-vos e vejo a causa de tamanha dedicação. Pedistes-me a promessa de não vos traíçoar, continuava ainda Theodoro, e com tal condição eu fiquei livre; prometti não vos abandonar, tenho-o cumprido, e continuarei a acompanhar-vos—eolhava condoído para o que era mais um martyr d'um destino implacavel, do que uma alma feita pelos moldes da perversidade—mas segui o meu conselho, deixae esta terra, abandonae estes homens, dae-lhe o que lhes pertence da presa que tendes accumulado, e a Italia, a França vos darão guarida, e se vos não derem o esquecimento do passado, pelo menos hão de as distrações minorar-vos as magoas.

— Não, interrompen o Castigo do Senhor, depois de ter pensado um instante e erguendo a sua fronte descoberta; não: accuso a sociedade porque me abandonou! Achei, se não amigos, homens que me estenderam os braços, deixal-os era tornar-me reo do crime que censuro ao mundo; o serem criminosos não me absolve do meu crime. Heide seguir a sua sorte.

— E Luiza? perguntava o Filho da Tormenta.

— Não sei.

— Quereis abandonal-a?

— Quero, heide ter forças para isso.

— Mas se a pobre menina vos ama?...

— Embora.

— Ides commetter um novo crime.

— Comecei a minha narração, ouvirás tudo até ao fim. Eu sou bem mais culpado do que pensas.

— Como?!

— As lembranças saudosas de meu pae, murmurava tristemente o reo de tantos crimes, não me deixaram nunca um só momento; no meio das minhas noites d'assassino, via-o entre o punhal e a victima; nos meus sonhos, escutava-lhe os soluços de vergonha pelo seu nome manchado por seu filho; via-o sempre, e proseguia sem parar, porque me cri o instrumento da justiça divina para me punir a mim mesmo. Mas n'essas horas melancolicas em que se afina o espirito do homem pelas harpas da solidão, eu ia isolado chorar sentido sobre as ruinas d'este palacio que me vira innocente, e que hoje occulta ainda os meus crimes, como se fôra um guarda que o pobre velho me deixou na terra! Era por uma tarde fagueira do estio; os ultimos raios do sol estiravam-se por sobre a planicie, e eu vi ao longe um cavalleiro e uma dama que no phrenetico e rapido correr atiravam seus cavallos atravez dos arbustos e das vallas; olhei attentamente aquella mulher que se aproximava, e era bella. Parou, assim como o seu companheiro, e perguntou-me, com uma voz suave e melodiosa, se podia indicar-lhe o caminho do palacio da encosta da montanha; indiquei-lhe o caminho: mas n'esse instante, meu amigo, acordou-me no peito o coração; a dama que fugia de novo diante de mim levava consigo a minha alma. Algum tempo depois eu estava junto do palacio que ella procurava.

— Era a filha de D. Ramiro?

— Era.

— Entraste?

— Era impossivel. Comecei a girar sempre por aquellos logares, até que um dia... ella estava só... o campo... a liberdade... ou antes o amor — aproximámo-nos, conversámos muitos dias, jurei-lhe mil vezes que a amava, escutei-lhe tambem que o seu coração me pertencia.

— Então que pode deter-vos no que vos aconselhei?

— O meu crime mais terrivel, o que mais me punge, inda eu vol-o não disse. O nome que lhe disse me pertencia, foi um nome illustre, mas mentido; jurei-lhe que era hespanhol d'origem, e que, proscripto da patria, só aguardava o instante da justiça para voltar ao meu paiz. D. Manuel foi o nome que lhe disse que tinha, recusei dizer-lhe o meu nome de familia, porque, dizia eu, uma imprudencia me podia perder. E quem me diz que a filha do fidalgo portuguez ama o seu amante tanto como o seu orgulho? E com que direito lhe diria eu: desde do teu solio de grandeza, e vem ligar a tua sorte á sorte d'um infame? Como poderia bradar-lhe: tu pertences

em corpo e alma a um salteador, a um assassino, a um parricida, a esse miseravel que os homens alcunharam, nas inspirações da sua justa vingança—o Castigo do Senhor? oh! era impossivel.

— N'esse caso fugi; deixae este paiz onde estaes amaldiçoado, onde cada dia é mais um elo na cadeia do soffrimento.

— E deixal-a?!... Pobre mulher! porque não recuei eu antes do crime! Com que lagrimas não chorará a ausencia do homem que a perdeu, e que não pôde reparar a sua culpa; como não amaldiçoará nos trances da agonia extrema o covarde que a votou á perdição e á deshonra, e que a abandonou na sua dôr!

— Pelo ceo, que dizeis? bradava Theodoro espantado. Essa menina?...

— Perdida! murmurava quasi imperceptivelmente Paulino, apertando a fronte entre as mãos.

— Meu Deus, meu Deus, exclamou o Filho da Tormenta, será tão grande a vossa misericordia que possaes ainda perdoar?!

— Compreendes agora porque eu tremi, disse o amante de Luiza, quando me disseram que a filha de D. Ramiro caçava pelos arredores? Ah! bradou elle repentinamente, que lembrança! a presença da mulher amada é uma estrella que illumina; vou vê-la, e Deus me inspirará.

Paulino saiu rapidamente, Theodoro seguia-o de perto; todos o aguardavam; apenas o avistaram, perguntaram algumas vozes: Então, capitão?

Paulino parou; quasi que nem sequer se lembrava dos seus companheiros, na scena de recordações dolorosas que tivera com o Filho da Tormenta; voltou-se para o seu amigo, e disse:

— Amigo, tendes as minhas ordens. Fazei tudo que poderdes para a nossa salvação commum. Careço de partir; dentro de poucas horas estarei aqui.

E parando junto de Theodoro, disse-lhe baixinho: — Ha magoas que aniquilam a força e a vontade: a minha dôr é immensa. Tu estás tranquillo, faze tudo que julgares justo e leal. Preciso de chorar.

E Paulino atravessou em silencio o comprido corredor subterraneo até que a brisa lhe veiu annunciar que estava no campo; soltou do fundo do coração um suspiro doloroso e triste; e sentiu que uma lagrima ardente lhe corria pela face. Era ainda uma homenagem dos crimes do presente ás virtudes do passado; era uma saudade de amor á virgem que perdera.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SECULO XIX.

II

VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

Continuação.

D. Alvaro da Costa organizou no Minho algumas forças realistas, e marchou com ellas pela estrada de Villa do Conde.

A praça de Valença havia caído nas mãos do inimigo, e o mesmo se presumia da de Almeida, d'onde não tinham chegado noticias ao Porto.

Este era o estado das forças belligerantes quando o general Saldanha foi investido no commando em chefe. Dirigiu-se immediatamente ao quartel de S. Ovidio, adiante de Villa Nova, e ahi convocou a um conselho militar os commandantes de brigadas e de corpos. Annunciou-lhes que a retirada era seguidamente para Hespanha, e como elles se recusassem a este passo, o general pretextou aquella desobediencia para abandonar a tropa, e acolher-se tambem ao *Belfast*.

Facil é considerar o estado do exercito n'esta crise, e a desanimação dos partidistas da causa liberal, por este abandono, que fazia perder completamente a força moral, e excitava os soldados contra os seus officiaes, o que sobretudo n'aquellas criticas circunstancias era mais para recear. A tropa constitucional entrou no Porto em a noite de 2 para 3 de julho, e acampando em S. Ovidio ahi reuniu os voluntarios e paisanos que a sorte assim determinava a emprenderem a marcha para a Galliza.

Além do officio do general Azeredo á sua divisão, para vir reunir-se á do Porto, Sá Nogueira se dirigiu pessoalmente a Rio Tinto, onde ella se achava, para a empenhar n'esta ultima via de salvação; e aos seus esforços se deve ter ella baixado a S. Tyrso para se unir com aquella. Porém Sá Nogueira, quando se empenhou n'esta commissão, fôra na resolução de se provar novamente a sorte das armas depois d'aquella junção. Fôra isto o que combinara com o brigadeiro Quevedo Pizarro que assumira o commando das forças do Porto. Qual não seria seu pasmo ao saber que se emprehendia immediatamente a marcha para Hespanha! Quanto tentou para fazer mudar de resolução foi baldado. Era forçoso ceder ás circunstancias. Empreheheu-se a marcha, dando-se á patria as saudosas despedidas de uma forçada emigração.

É n'esta triste conjuntura que se revela o grande ani-

mo e a generosa dedicação de Sá Nogueira, que recusou acolher-se ao *Belfast*, preferindo correr a sorte dos seus camaradas. Foi elle quem commandou a retaguarda da divisão na marcha por S. Tyrso para a Galliza. Em a noite de 3 marcou o acampamento áquella divisão, que ainda se compunha de seis mil homens, com quatrocentos cavallos, e vinte boccas de fogo, fazendo postar as duas brigadas de infantaria ao norte da ponte de S. Tyrso, sobre o rio Ave, sendo occupada a margem do sul pela brigada ligeira. Na manhã seguinte o batalhão 6 de caçadores tinha fugido.

Bernardo de Sá havia tomado aquelle commando instantemente rogado pelos officiaes da brigada ligeira, que ardentemente o desejavam ter comsigo na retaguarda, por lhe conhecerem a decisão e energia, tão necessarias n'aquella conjuntura em que a consternação era geral, e a desmoralisação dos soldados subira de ponto com o abandono dos generaes. Os soldados deixavam-se ficar para a retaguarda em grupos numerosos, ou se dirigiam ás aldeas proximas da estrada a saquearem as casas que encontravam abandonadas.

Para vermos como Bernardo de Sá bem havia merecido aquella confiança, e bem sabia corresponder-lhe, citaremos os seguintes factos narrados por testemunha presencial.

Depois que as guerrilhas intentaram na estrada de Braga, apoiando-se na Falperra, embarçar a retirada á divisão, e em que houve um vivo fogo de duas horas com bastantes mortos de parte a parte, os soldados continuavam a deixar-se ficar em grupos para a retaguarda. Um d'estes, que andaria pela força de quarenta bayonetas, já por duas vezes havia atirado com as mochilas ao chão, como a quem lhe pesava avançar para a frente. Bernardo de Sá, apesar da difficuldade de achar disciplina em taes circunstancias, dirigiu-se a elles, e disse-lhes:

« É esta a terceira vez, caçadores, que eu lhes digo que marchem; mas vejo pela sua conducta que não querem ir comnosco: pois bem, eu lhes franqueio o caminho, por não querer que ninguem nos acompanhe contra vontade. Se é que pretendem ir-se, marchem já: eu dou ordem á cavallaria para que os deixe passar: vão sem demora, ponham-se de joelhos aos pés dos rebeldes, e peçam-lhes humildemente perdão de os haverem combatido desde a campanha de 1826.»

Os soldados movidos por estas palavras, levantaram-se desesperados, e cercando o official lhes disseram: — É uma vergonha retirarmo-nos sem dar um tiro, um só tiro sequer.

Bernardo de Sá respondeu-lhes: — Tambem a mim se me cobrem as faces d'ella; mas se os vossos generaes, e alguns dos nossos commandantes faltaram á sua obrigação, isto não nos dispensa de fazermos nós a nossa, que é acompanharmos os nossos camaradas.

Todos a uma voz gritaram então: — Vamos rapazes — e pondo de novo as mochilas ás costas seguiram a marcha, fazendo que d'ali em diante lhes tomassem o exemplo quantos encontravam descansando pela estrada.

O outro facto a que alludimos teve logar já em Hespanha, com o commandante D. Manuel Ignacio Pereira, guerrilheiro hespanhol durante a guerra da Peninsula, e que foi encarregado pelo general da Galliza, para prover áquelles portuguezes emigrados. O referido coronel Pereira veiu ter com o general Pizarro, e lhe fallou em tom insolente, dizendo que os emigrados haviam commettido o horroroso attentado de entrar armados no territorio hespanhol; ao que Bernardo de Sá, que se achava presente, replicou que em nenhuma povoação hespanhola tinham os portuguezes entrado armados. — Mas deviam ter deposto as armas, apenas avistaram o primeiro marco de Hespanha. A isto replicou ainda Bernardo de Sá, que tanto era o seu desejo de cumprir á risca as leis da hospitalidade, que á simples intimação de um alferes hespanhol, que só tinha comsigo alguns voluntarios realistas, todos haviam deixado as armas, não o tendo feito antes d'isso por falta de uma força que os protegesse contra os insultos dos guerrilheiros portuguezes, que dos montes visinhos lhes tinham ido fazer fogo.

— Eso merecen ustedes, continuou Pereira, porque son ustedes rebeldes, y criminosos. — Rebeldes y criminosos son esos, que nos siguen, lhe replicou Bernardo de Sá. — Y se atreve usted a hablarme con essa altanería! — Yo hablo a V. de la misma manera que V. me habla, y me habla V. assi porque no tengo mi espada a mi lado.

E então o coronel Pereira, arrancando a espada da bainha, chamou os seus soldados, que de bayoneta calada correram sobre Bernardo de Sá. Este cruzou os braços, com heroica impassibilidade, e simplesmente lhe disse: — Es una cosa gloriosa el sacar la espada contra un hombre desarmado.

Foi necessario que os outros officiaes hespanhoes ali presentes, detendo a Pereira e aos soldados, pozessem termo a esta violenta e imprudente scena.

Seguiram os emigrados, como acima dissemos, sua marcha para a Galliza pela ponte de Caldellas, e d'ahi para a Portella de Leonte, onde por a estrada ser pessima para a artilheria a abandonaram encravada. N'aquella ponte, os soldados do 21 e caçadores 11, amotinaram-se dando vivas a D. Miguel, e romperam fogo contra os seus camaradas, o qual foi respondido mais particularmente pelo batalhão de caçadores 12.

Durante toda aquella noite de 5 a vanguarda não pa-

rou até chegar á raia da Galliza, e a retaguarda assentou campo ao anoitecer em S. João de Campo. Finalmente no dia 6 de julho toda a divisão entrou em Hespanha pela Portella de Leonte. Ahi communicou o general Pizarro ás autoridades hespanholas a chegada da sua tropa, e reclamou hospitalidade.

Varios trances correram estes infelizes na Galliza, já por falta de mantimentos e rações, já por maus alojamentos, já pela pobreza e miseria a que se viram reduzidos pela má vontade d'aquelles povos. Logo lhes tiraram os cavallos, e até mesmo as espadas aos officiaes. Marcharam para Orense, e d'ahi seguiram para Lugo, onde algum tanto melhorou a sua triste sorte. D'ali seguiram uns para a Corunha e outros para o Ferrol.

D'estes dois pontos saíram finalmente para Inglaterra, na totalidade de 2386 individuos, uns á sua custa, e outros com a passagem paga pelo general Pizarro, do dinheiro que se conseguira subtrahir da caixa militar, antes de os hespanhoes se senhorearem d'ella. Onze foram os transportes que os conduziram. Os primeiros emigrados chegaram a Portsmouth em 26 de agosto, os segundos a Falmouth a 7 de setembro, os ultimos a 12, e aquelles que não puderam dobrar o cabo Lizard, arribaram a Sant-Yves.

Bernardo de Sá, fiel companheiro na adversidade, seguiu com elles seu novo destino.

Continua- F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DA BAHIA.

O Brazil com louvavel empenho prosegue no estabelecimento de vias rapidas de communicação, indispensaveis em tão vasto imperio e que tem entre si tão distantes os principaes centros da população.

A primeira leiva das obras de movimento de terras para o caminho de ferro da Bahia foi aberta no dia 24 do proximo passado maio na cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos. Este railway é destinado a communicar desde a Bahia até ás margens do grande rio S. Francisco, e será effectuado por secções, a primeira das quaes tem setenta e sete milhas de comprimento, applicando-se á mesma uma somma que orça por sete mil e duzentos contos com a garantia de sete por cento prestada pelo governo imperial e o da provincia.

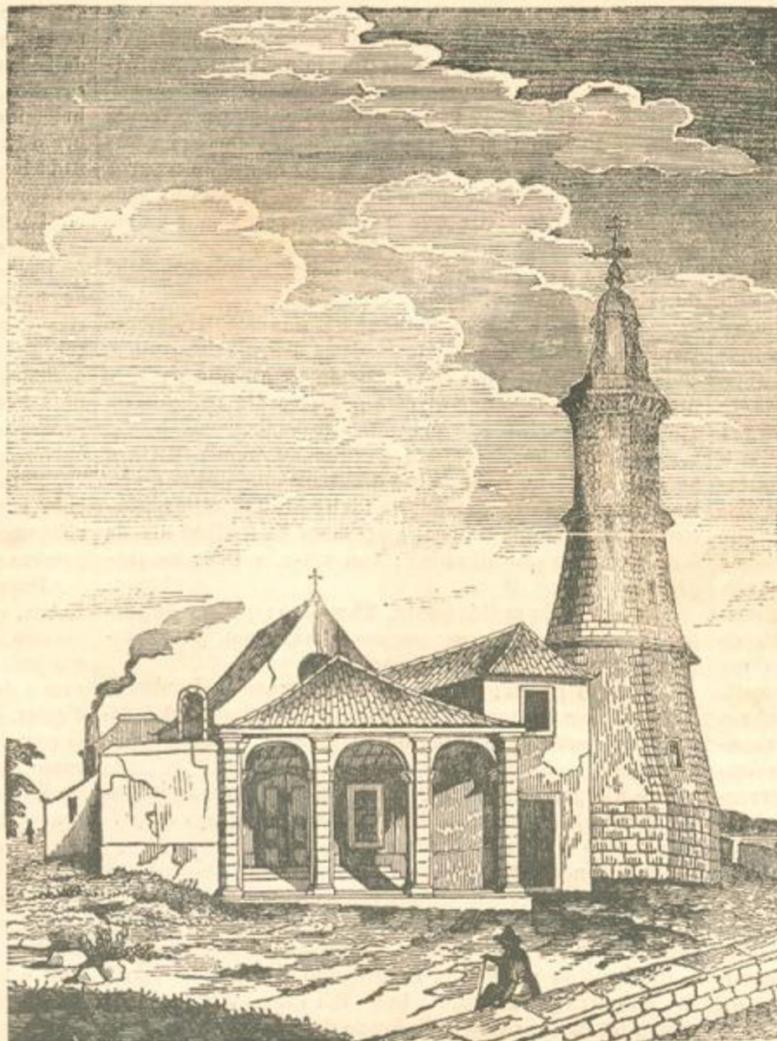
A vista da inauguração, adiante gravada, tirou-se do sitio da ponte do canal junto a um forte que olha para o lado opposto da bahia; o esboço é de mr. Lenoir engenheiro das obras hydraulicas n'aquella cidade. Reuniu-se a mais escolhida sociedade tanto de senhoras como de cavalheiros; era grande a concorrência como sempre acontece em taes actos. Duas linhas de bandeiras içadas em mastros indicavam o traçado do futuro caminho de ferro.

A meia hora da tarde o arcebispo da Bahia deitou a bênção á empresa segundo o rito da igreja catholica romana, e proferiu um discurso adequado ás circumstancias. O presidente da provincia levantou o primeiro torrão e deitando-o n'um carrinho de mão foi conduzido ao logar destinado; este exemplo foi seguido primeiramente pelos membros directores da companhia que se achavam presentes, e depois pelas pessoas de diferentes classes, tocando as bandas de musica militares; fazia a guarda de honra um destacamento do primeiro batalhão de fusileiros. Seguiu-se um sumptuoso banquete e baile em casa do coronel Costa.

Diz um jornal inglez que é uma notavel prova de genio emprehe-dedor, e um signal de grande juizo da parte do governo imperial, ter animado a continuação do caminho de ferro da Bahia pela mui liberal garantia, quasi sem precedente, de sete por cento sobre um capital de perto de quatro milhões esterlinos, pelo periodo de noventa annos, sendo a concessão em perpetuidade e os accionistas recebendo o seu juro em cada uma data da entrada de suas subscrições, sem esperarem pela realisação das obras, em que segundo consta se gastarão sómente dois ou tres annos.

M.

A gloria no mundo é tão transitoria, como sonho fugitivo de enfermo delirante.



O pharol de N. S. da Guia.

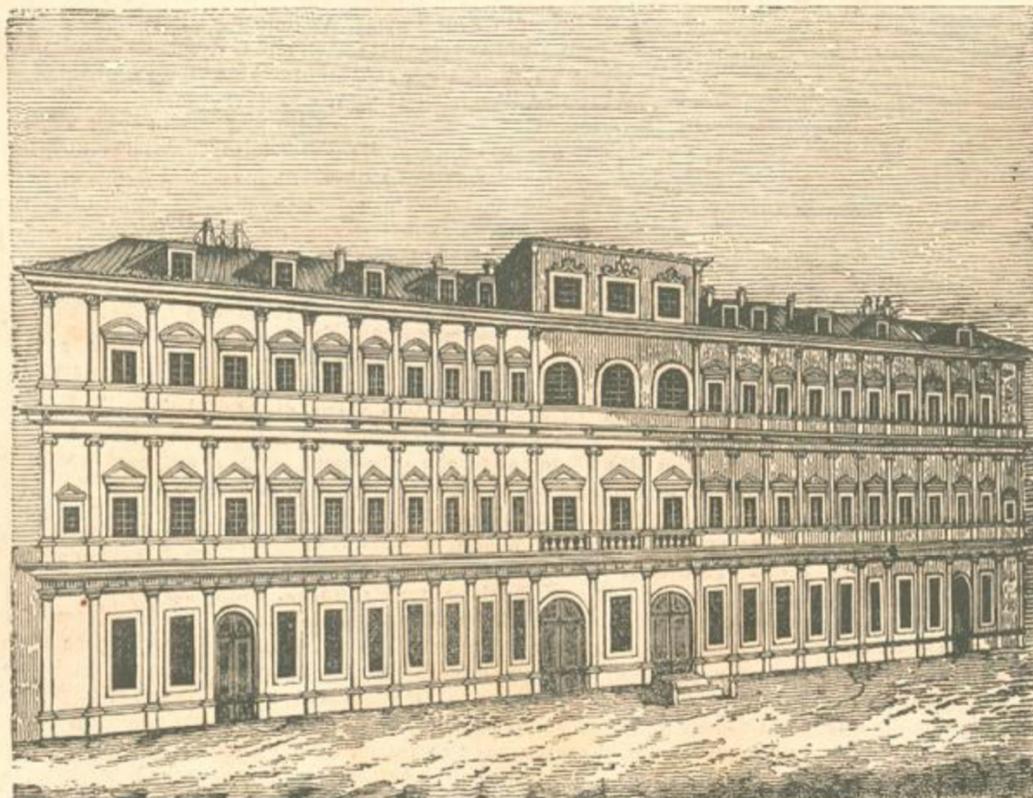
A ILHA DE SANTA CATHARINA.

Esta ilha, na provincia de Santa Catharina, é, pela fertilidade do terreno, no qual se dão perfeitamente quasi todos os fructos da Europa, e pela salubridade do clima, um dos melhores sitios da mesma provincia.

Já estes predicados lhe tinham attrahido grande população, não só do Brazil, mas tambem dos Açores, quando em 1815, nas montanhas, se descobriram aguas thermaes de muita efficacia, o que augmentou a importancia á provincia.

Tratou-se de fundar um estabelecimento, e foi para ali mandado um destacamento de tropas.

Os naturaes—bugres, raça feroz—a quem não agradou a presença dos soldados, resolveram aniquilal-os. Assim o conseguiram, usando d'uma traição, pela qual foi o destacamento completamente destruido, e incendiado o logar em que se alojava. Isto deu logar a represalias, sendo depois restaurado o estabelecimento.



Paço dos duques de Bragança, em Villa Viçosa.

UMA RUA DE CONSTANTINOPOLA.

Tem-se muitas vezes feito o paralelo de Napoles e Constantinopola; no entanto são mui diversas as condições das duas capitais. Eis o que diz mr. Giraudeau nas suas recordações de viagens:

«Se o aspecto de Constantinopola, assente em amphitheatro á borda de um golpho tranquillo, offerece uma vista que nenhuma na Europa pode egualar; comtudo é impossivel que o viajante contemplando este painel magico deixe de procurar na sua memoria termos de comparação. D'este modo, ainda que Napoles, por exemplo, não tenha relação alguma com Constantinopola, o encantador panorama d'esta ultima, vos lembra instinctivamente os logares que muitas vezes a imaginação vos tem repetido no silencio das noites.

Estas duas cidades nem se parecem pela architectura dos edificios, nem pela atmospherã tão diversa, nem pelos usos e trajos dos habitantes. Apesar d'isso, quem viu ambas não deixa de recordar-se de Napoles em presença de Constantinopla.

O que constitue propriamente a belleza da capital ottomana, não é a cidade, mas o canal, os campos circunvisinhos, a vista deliciosa do Bosphoro, que não nos fartamos de admirar, e sobretudo a extravagancia que notamos, como europeus, nas construcções, nas casas, nos logares publicos, nos modos e vestuarios diversissimos de muitas nações asiaticas; e esta idéa poderosa que vos preoccupa—d'aqui a poucos passos estou na Asia.

Afirmaram-me que de raro o estrangeiro se agradava de Constantinopola, mas que aclimatando-se custava-lhe muito a largal-a. Declaro, pela minha parte, que teria muita pena de não a ter visto, mas que muito maior teria se tivesse de residir ali muito tempo; um mez quando muito em Constantinopola, e o resto do anno em Napoles.

M.

Os theatros quando ridiculisam os vicios, divertem, e corrigem.

PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA, EM VILLA VIÇOSA.

Este edificio forma um dos lados da praça em que está situado. É de bella architectura, e foram empregados na sua construcção magnificos marmores.

Até ao tempo de D. Jaime, que começou as grandes obras para o novo palacio, os paços dos duques de Bragança eram umas casas simples, sem belleza, sem magnificencia, e quasi sem commodos, mandadas edificar por D. Nuno Alvares Pereira, condestavel do reino.

O filho e o neto de D. Jaime augmentaram muito o palacio, dando-lhe a sumptuosidade devida ao alojamento de tão altas personagens.

No tempo de D. João v, para os desposorios do principe, foi este palacio reformado de novo, e adornado com a opulencia e liberalidade que todos conhecem nas obras d'aquelle soberano.

Em todo o palacio, avulta, magnifica, a grande sala, chamada dos retratos, por ser ali que se acham pintados a oleo, em corpo inteiro, os retratos de todos os duques de Bragança. A sala foi mandada edificar por D. João v, e os retratos executados por Quillard, artista francez de muito merecimento, ao serviço de Portugal.

A armaria, casa onde se achavam depositadas as armas de todos os generos, por antigas e raras que fossem, arruinou-se, e perderam-se muitos dos objectos que continha.

Sem motivos, que te determinem, nem suspeites; nem confies.

O PHAROL DE N. S. DA GUIA.

Estabelecido junto a Cascaes, na latitude de 38° 41' 0" e na longitude de 9° 27' e 12" oeste de Greenwich, o pharol de Nossa Senhora da Guia tem dezeseis luzes, sendo avistado a treze milhas de distancia.

É de forma elegante, como se vê da estampa que apresentamos.

A suspeita é qual microscopio, d'um atomo forma um elephante.



Inauguração do caminho de ferro da Bahia.



Uma rua de Constantinopola.

CONTOS E LENDAS.

PRIMEIRO CONTO.

A CAMISA DO NOIVADO.

I

Assi que bem podem dizer deste rei D. Pedro, que nom saírom em seu tempo certos os ditos de Solon, philosopho, e doutros alguns os quaes disserom, que as leis e justiça erom taes como a teia de aranha, na qual os mosquitos pequenos, caindo, som reteudos e morrem em ella; e as moscas grandes, e que som mais rijas, jazendo em ella rompem-na, e vão-se — FERNÃO LOPES — CHR. DE ELREI D. PEDRO I. CAP. IX.

O monte, hoje esquecido de Algoço, na provincia de Tras-os-Montes, tempo houve já, em que levantou a cabeça acima de outros solares.

Debruçadas sobre o precipício, que se despenha a prumo até ás aguas do Angueira, as muralhas de cantaria grossa, e as torres quadrangulares do antigo castello, na tristeza do aspecto, não contrariavam a melancolia do sitio, nem as tradições, de que o povoava a memoria popular recordando as lutas e ferocidade dos orgulhosos cavalleiros, que foram o terror e o flagello dos moradores.

Do alto dos eirados, como do cimo de um ninho de aguias, a vista abraçava em um relance a campina mosqueada de soutos e arvoredos, ou raza de urzes e charneças, que, ondeada em collinas suaves, se ia estreitando até beijar o cinto agreste de cabeços bravos, que a apertava.

Na corôa d'estes, os pinheiros meneavam a copa esguia, e a espaços, o tronco de um cypreste, alçando-se erecto, haloçava ao vento a ponta verde-escura.

Ao sopé da montanha, aonde o valle se abria mais fundo, estrepitava uma torrente; era o Angueira, passando embuçado no seu toldo de arbustos, e bramindo contra os penedos do leito.

Ao longe, bem ao largo, recortavam-se de uma parte os topos cinzentos da serra de Seabra, na fronteira castelhana, em quanto da outra as cristas dentadas das alturas de Nogueira, tocando-se de gellos, ora resplandeciam ao sol poente, ora se escondiam nas pesadas nuvens, que baixavam sobre ellas humidas e tempestuosas.

De tarde, quando as sombras começavam a escurecer a planície, o nevoeiro levantava-se das margens do rio, como um fumo tenue, trepava em collos deseguaes, enroscando-se nas quebradas dos cerros, e condensando-se a cada instante, subia aos mais elevados cumes.

Então uma cortina, rara, e no principio transparente, de vapores, despregava-se a pouco e pouco, deixando entrever ainda no começo os vultos, mas já confusos, e depois envolvendo-os no caprichoso veio, cujas dobras, agitadas pela brisa, não cessavam de alargar e de crescer até fecharem tudo em volta do solar.

Diziam os velhos, que era esta a hora das visões e dos feitiços.

A curtos passos do castello (contavam elles), e junto da fonte de S. João, uma princeza guardava os thesouros encobertos de certo magico famoso, convertida em serpente; e só na vespera do orago, á noite, quando as estrellas scintillavam mais vivas no ceo, e as folias da aldeia ferviam em mais risos e descantes, á roda da bemdita fogueira, é que o fado da moira encantada se quebrava para ao alvorecer do dia tornar á mesma pena.

Banhando-se tres vezes nas aguas, e depondo sobre uma pedra as escamas luzentes da serpe, volvia ao antigo ser, e formosa como d'antes vinha sentar-se ao lado do tanque, por baixo dos ulmeiros velhos e copados; ahi vestida de branco, e com um pente d'ouro nas mãos, entre-tinha-se a desenredar as madeixas anneladas, cantando aos espiritos invisiveis do ar com tão maviosa voz, que a alma se cortava de a ouvir.

Dois ou tres anciões, dos mais respeitados no logar, accrescentavam ainda, que já tinha havido quem a visse com os lindos olhos, afogados em pranto, mirando-se na agua, e caindo-lhe em fio as lagrimas umas sobre outras.

Porque chorava a princeza, e que erro lhe custava este severo castigo? Era o que todos perguntavam, e o que ninguém sabia!

Uma corça, alva como a pluma do cysne, e veloz como uma setta, acompanhava-a sempre, apontando o ouvido aos eccos da solidão. Quem n'aquelle dia, e áquella hora podesse colher de subito a moira, antes d'ella mudar de forma, alcançava da bella captiva as primeiras tres coisas, que lhe pedisse; mas os acasos ditosos são raros: e no fim de seculos havia só lembrança d'um aldeão feliz.

A corça branca nunca adormecia e ao mais remoto e apagado som, em batendo as patas, desaparecia tudo repentinamente, não se notando de extraordinario, mais do que um ligeiro fervor na fonte, e certa nebrina fugitiva, logo desfeita por entre as arvores.

II

Nos dias em que succedeu a veridica historia, que vamos contar, reinava em Portugal D. Pedro, que o amor do seu povo chamava o justiceiro.

Não tinham bem passado tres annos ainda depois da

morte de D. Affonso, o de Salado, e já o reino parecia outro.

Ricos e pobres, humildes e poderosos eram todos eguaes para receberem o premio, ou para lhes cair pesada a espada do juiz.

Os bons sabiam que el-rei os amava como filhos; os maus tremiam diante da sua face, porque a justiça nas mãos d'elle feria rapida e vingadora como a ira de Deus, ou o desejo dos opprimidos.

N'aquelles tempos saudosos a lei não tinha senão um rosto, e o castigo não coxeava atraz da culpa.

Entre o crime e o exemplo não se mettiam annos, nem mezes, promessas, nem perdões; como o devedor honrado o principe ajustava a todos logo a conta, e pagava-a á luz do sol.

Os tristes moradores de Algoço é que ainda se queixavam. Viviam tão longe, e o medo punha-lhes a mordada tão apertada, que á côrte não chegavam noticias d'elles.

Assim mesmo a sua fé era tão grande, que na hora das maiores afflicções, postas as mãos e a vista no ceo, não tinham outra voz mais do que dizer: valha-nos el-rei D. Pedro!

E valeu por fim.

Foi um caso que merecia escripto em letras de ouro, com as côres e o pincel d'aquelle honrado chronista Fernão Lopes, cujos retratos são tão parecidos, que lhes falta só fallarem para os erremos vivos, e tirados de hontem.

A povoação de Algoço ainda se aninhava quasi toda então em roda do castello, construido para a amparar, e da igreja, cuja cruz estendia a sombra do seu vulto misericordioso sobre a sepultura dos que fechavam os olhos, apertando a morte, porque o libertava d'um captivo, peor do que a escravidão nos ferros dos infieis.

Por um e outro lado do monte, até á corôa, aonde campeavam as torres do solar, com os engenhos armados nos eirados, e as ameias sempre vigiadas de homens d'armas, trepavam as casinhas da aldeia, pendurando-se pelos declives, umas cingidas de verdura, outras arruinadas e negras, e algumas, poucas, remoçadas e alvas, fingindo por fora ares de festa, que a pobreza desmentia dentro.

—«Deus nos defenda de um senhor como D. Sueiro Lopes, o de Algoço!»

Esta exclamação dos burguezes de Miranda ainda não pintava desgraçadamente a verdade toda.

O suor de sangue do desvalido regava ali as lutas ceias e os banquetes, quasi regios, da sala d'armas, como os prantos da viuva e o choro dos orphãos vinham molhar em vão as mãos desapiedadas, que se erguiam para acenar ameaças, ou para apontarem o caminho da miseria aos infelizes, roubando-lhes o tecto, que lhes abrigara o berço, e o chão sagrado, no cemiterio, aonde oravam sobre os ossos de seus paes e seus irmãos.

Em Algoço o mordomo trazia de cór os sulcos de cada charrua, e o peso de cada rez para engrossar as rendas do castello; ninguém tinha nada certo, nem seu. A vontade do amo, ou a cubija dos servos, deixavam nú e mendigo á noite o que amanhecera remediado, ou menos pobre.

D. Sueiro descendia da casa dos senhores de Biscaya, e na sua raza o sangue dos homens misturava-se com a chamma infernal do espirito das trevas, desde o casamento de Diogo Lopes com a dama-pé-de-cabra.

Quer fosse verdadeira, quer não, a alliança dos altivos barões com os demonios succubos, o que se podia afirmar sem temor, é que n'uma epoca em que a lança e a espada cortavam as contendas, calando as leis, os cavalleiros de Biscaya excediam ainda aos mais asperos na bravura da indole, e na crueldade fria e taciturna.

Ver correr as lagrimas e o sangue para elles era um deleite; pisar debaixo dos pés do cavallo a seara nascente, ou atassalhar com os dentes das matilhas o rebanho, esperança do lavrador, parecia o verdadeiro alvo das repetidas caçadas, em que talavam campos e vinhas, a pretexto de correrem as feras e os veados.

D. Sueiro era o ultimo da sua descendencia. No curto intervalo de seis annos tres esposas tinham atravessado do seu leito para o tumulo, sem que nenhuma d'ellas lhe deixasse penhor da sua desditosa união. Rosas pallidas, a tristeza d'aquelles muros murchou-as logo, desbotando-lhes, apenas abertas, a flor juvenil, que ao alegre sorrir do sol talvez desabrochasse esplendida e invejada.

Ficou sellado nos labios frios das tres victimas o segredo da occulta dôr, que as consumiu; e a consciencia do homem que, perdendo-as, não soltara um suspiro, nem uma lagrima se tremeu, tremeu em silencio.

O povo accusava-o de tudo! Na fronte sombria do cavalleiro a nodoa do homicidio apparecia clara para elle. O crime das tres esposas fóra a esterilidade; e na impaciencia de alcançarem um herdeiro, o castellão aborrecendo os laços que o prendiam, não duvidou rompê-los, chamando a morte e a perfidia em seu auxilio, para seguir mais depressa a sua esperança em outros braços.

Seria verdade, ou calumnia? Deus o sabe! Mas as noites de Sueiro Lopes metteriam medo aos mais endurecidos.

III

D. Sueiro Lopes tinha fama de grande caçador.

Assim que alvorecia montava no seu cavallo preto, e

eil-o a galope despedido por çarças e estevaes, por montes e campinas cultivadas, no meio dos seus monteiros, entre gritos, risadas e motejos.

Uma tarde de primavera levantou-se-lhe um veado ao pé da terra de um dos villões do castello; e apesar das supplicas e queixas do aldeão, corseis e matilhas, saltando vallados, e calcando pavêas, arrasaram em instantes a obra de muitos mezes, ouvindo-se a cada instante sobre as vozerias, latidos e relinchos, o grito estridente do cavalleiro, bradando sem cessar: — Adiante! aboca!

Depois as bosinas soaram, os açoites estalaram, e o tropel, como um furacão, desapareceu voando atraz da pista.

Garcia de Marnel, cujo campo o senhor de Algoço acabava de tallar, era o melhor bêteiro conhecido em dez leguas á roda.

N'aquellas mãos calosas o mais rijo arco dobrava-se como vime, e a setta, disparada, ia direita ao alvo em que punha o olho.

De paes a filhos esta raza popular tinha arreigado no chão, remido pelo seu esforço, todos os affectos que nos dias de penuria e de fadiga consolam o pobre na sua tristeza.

É que a choupana, que habitava, vira nascer as primeiras esperanças de um amor casto; no altar da igreja foram abençoadas as promessas da sua ternura; e debaixo da frondosa cupula dos alamos, plantados pelos seus, o avô, assentado com os pés á restea do sol, aquecia o frio inverno dos annos ao calor dos sorrisos travessos da infancia gentil, que lhe remoçava a vida.

Já entrado na idade, em que as forças declinam, Garcia amava tudo isto com o sentimento viril de uma alma vigorosa, e retemperada pela adversidade.

A pobreza honrada nunca lhe curvou a cabeça, como a enxada nunca lhe desfalleceu o braço. A dôr, ferindo-o com tres golpes no mais vivo da alma, nem assim lhe prostrou o animo.

A esposa que por tanto tempo fóra a alegria dos seus dias, a resignação e o alento dos seus trabalhos, deixou-o no meio do caminho para o ir aguardar na mansão, aonde as lagrimas dos que choram por justiça hão de ser enxugadas.

Dois filhos, amparo da sua velhice, cairam, na flor da mocidade, primeiro do que elle, e cerrando-lhes os olhos, não pediu a Deus senão que lhe abreviasse as horas da separação.

O unico prazer que ainda mitigava a impaciencia do seu desterro, era o amor ansioso e louco, com que estremeia a engraçada Silvaninha, duas vezes filha, porque duas vezes era o sangue do seu sangue.

Inclinado sobre um tumulo, o marido sem esposa, o paé desamparado e orphão, confessava em segredo a si mesmo, que esta derradeira saudade ainda o prendia ao mundo, quasi tanto, ou mais, como as que o chamavam de longe para a morada, em que os seus esperavam!

Quando Sueiro Lopes rompeu os vallados, pisando aos pés dos cavallos os fructos dos suores de um anno, o sangue do velho pulou nas veias em todo o ardor da juventude.

As faces cavadas amarelleceram mais; e os olhos amortecidos despediram dois relampagos.

Saindo ao encontro do cavalleiro, a voz e o corpo tremiam, mas não de medo. Aquella terra era o dote de sua neta, e por ella, e só para ella é que se sujeitava resignado ao peso aborrecido de setenta annos de fadigas e cuidados.

— Senhor! senhor, tomae o atalho da esquerda. Ruim caçada é esta contra um velho e uma donzella!

Á supplica o castellão nem respondeu. As matilhas e os cavallos, enovelados na carreira, passaram involtos em nuvens de pó pelo afflicto lavrador, e o açoite do senhor, silvando, cingiu-lhe o corpo ao som das palmas e apupos dos monteiros.

— É a paga do conselho! Fora cão!

E mettendo-lhe os peitos do corsel, D. Sueiro cravou as esporas com furia, e partiu bradando: — Cse! aboca! correr a bom correr!

A pancada derrubou o velho; o açoite cortou-lhe a alma. Erguendo-se de salto, como o tygre, e medindo a distancia com a vista inflammada, pelos beiços brancos e contrahidos fugiu-lhe como um suspiro.

Á porta da sua choupana estava pendurado o arco, e apesar da idade, a vida do homem orgulhoso e mau só pendia de um esforço do seu braço.

Sem proferir palavra, Garcia desprende a arma, encurvou-a, e ajustou a setta. O que lá dentro lhe disse a raiva ou a desesperação, devia de ser terrivel; mas o rosto firme e tranquillo não atraçou o coração.

Antes de apontar, os olhos do velho, seccos e ardentes, elevaram-se ao ceo como para pedir auxilio e perdão; porém logo depois baixaram-se lentos e magoados para a casinha, d'onde a neta, sobresaltada, lhe acenava que viesse.

Deu ainda um passo adiante, mas a voz suave de Silvaninha acabou de lhe quebrar a resistencia. As lagrimas rebentaram-lhe, a mão frouxa deixou escapar o arco, e como se respondesse a si proprio a bocca murmurou em tom sumido: — Era matal-a tambem a ella!

A setta caiu-lhe então aos pés; e enxugando os olhos com as costas da mão, recolheu-se, entregando ao juizo de Deus o castigo do oppressor.

Mas a ruina tinha entrado com Sueiro Lopes no cam-

po do villão; e o mordomo do castello, instigado pelo senhor, veio depois d'ella para a consummar.

Desde o dia em que fóra aviltado como um cão, Garcia nunca tornou a si; a chaga occulta e interior nunca mais deixou de sangrar; e os braços inertes não sentiam vigor em si para trabalhar.

Uma noite os visinhos já admirados de não o verem, acudindo ao choro da neta, foram achal-o morto debaixo de uma oliveira, plantada pelo mais novo de seus filhos.

A terra, dote da pobre orphã, confiscada pelas dividas, ou antes pelas más contas do mordomo, caiu nas mãos de um sobrinho d'este, e a triste Silvaninha, sem parentes, nem protectores, morreria de fome e de frio se a caridade dos moradores se não unisse para a soccorrer.

Um d'elles deu-lhe casa e sustento; outro vestiu-a; e engraçando com a sua gentileza e innocencia, nenhum se esquecia pelas festas de a prender com os fructos da sua colheita, ou com os brinches da amisade.

Entretanto á medida que ia crescendo em idade e formosura o rosto pallido e os olhos verdes da donzella iam-se entristecendo mais. A nodoa, que trazia na alma, sem ella saber porque, em muitas occasiões arrasava-lhe os olhos de agua.

É que o pão da esmola, mesmo dado com amor, trava e amarga sempre na bocca do infeliz!

Quando ao declinar da tarde, a orphã volvia a vista para o tecto da sua antiga casinha, e para a copa viçosa das arvores da terra de seus paes, de que fóra desherdada, apertava-se-lhe o coração de modo, que tinha pena de viver, e quasi saudades de dormir tambem do mesmo sonho ao lado de seu avó.

IV

Tinham corrido sete annos desde a tarde, em que os moradores de Algoço lançaram sobre o corpo de Garcia de Marnel os ultimos punhados de terra, despedindo-se para sempre de um bom e leal companheiro.

N'este intervalo D. Sueiro Lopes tres vezes casado, e outras tantas viuvo, cada dia se tornava mais aspero e cruel para com os villões das suas herdades.

Apenas rompia a manhã as bosinas de caça acordavam os eccos; e ao fechar da noite as frestas ponteagudas das salas, na torre da menagem, illuminando-se como por encanto, transverberavam o clarão das tochas do festim, em quanto os gritos e blasphemias de uma loucura ebria vinham espantar os que por acaso apressavam o passo ainda perto do castello.

Com os annos requintaram os vicios do senhor, e para afugentar a melancolia, ou a negra sombra dos remorços, todos os deleites julgava licitos, embora os regasse de rios de lagrimas.

Já não eram só os bens que ameaçava a sua avareza, era tambem a honra das filhas da aldèa, que perseguia no ardor impuro da sensualidade.

Rindo-se da justiça como de uma vã palavra, e do temor de Deus como de uma fraqueza pueril, o descendente dos barões de Biscaya, para saciar os seus appetites feroces, arrastou no lodo de amores infames a innocencia das donzellas mais bellas, e a das mulheres mais virtuosas.

Um sorriso, um olhar seu era como a fascinação do reptil; por onde elle passava a flor desbotava-se das suas côres e frescura; a virgem perdia o enlevo e a graça, que dá o recato e a honestidade.

Silvana contava então dezeseis annos. Esbelta e mimosa, o setim das faces, descolorando-se, ainda fazia sobressair mais a alva pallidez da pelle; a doçura pensativa dos olhos verdes, rasgados e transparentes, tinha um requebro, que feria no coração; e o vivo carmim dos labios, em uma bocca pequena e abotoada, como a rosa antes de se abrir, realçava com o espirituoso sorriso nas raras vezes, em que uma alegria quasi triste lhe cortava a seriedade meiga.

A voz era o seu maior attractivo; suave, melodiosa e terna como a alma gentil, que fallava n'ella, parecia pedir ao ceo o termo de tantas penas immerecidas.

Pobre e recolhida na aldèa por caridade, para quem havia a orphã desvalida de alevantar a vista, ou a quem podia confiar a affectuosa esperanza, que apesar d'isso, em segredo, lhe fazia palpitar o seio, quando no cristal da fonte se mirava tão formosa, e ao mesmo tempo tão desamparada?

Vê-la e desejal-a foi a mesma coisa para o cavalleiro de Algoço. Elle que todos temiam, e que a um aceno dobrara a resistencia das mais isemptas, como havia de suppor, que a Silvaninha lhe desse o não, e fugisse arrebatada ás suas caricias lascivas.

E entretanto achou n'ella o que não encontrara em outras.

As primeiras palavras, que proferiu para a tentar, o semblante da donzella afogueou-se na vermelhidão do pejo, o coração esfriou-lhe de asco e desprezo, e as pupilas de esmeralda fusilaram com a ira do pudor.

Tirando a mão delicada das mãos que a prendiam, soltou-se com impeto, e toda vergonhosa, mais affrontada do que tímida, fugiu das garras do açôr.

A raiva do castellão desafogou-se n'um riso livido, e em um juramento atroz. — Nunca serás esposa sem primeiro, como amante, mereceres que te perdoe! Não tarda a hora, em que te veja de joelhos, pedindo tu mesma

o que hoje negas. Sei como se atalham os rodeios á corça, e o lugar em que o tiro fere mais seguro!

Em quanto elle, seguindo-a com a vista, lançava esta ameaça, desviando depois os passos, a donzella não cessava de correr até ao fim da povoação, aonde, em uma cabana pobrissima, formada por um tecto sobre dois penedos, morava uma velha, que era a consolação e o conselho de toda a aldèa; e já se vê, que em uma terra como Algoço, em que os afflictos não faltavam, as visitas nunca lhe deixavam a porta livre.

Certas linguas maldizentes asseguravam, que a velha Aldonça não era tal velha, nem pobre, nem tinha os oitenta annos que mostrava; mas sim que era fada, que lia nos astros os futuros, e que via na agua os segredos mais encobertos.

Do seu poder contavam-se prodigios; e até havia quem affirmasse, que ella e a serpente encantada da fonte, sendo irmãs, se reuniam á meia noite, passando em colloquios constantes até apparecer no ceo a estrella de alva.

Quando a Silvana chegou, a velha estava assentada á sua porta, fiando, e rezando não se sabe que palavras; e á medida que o fuso gyrava, e que o linho se enrolava, ria-se e meneava a cabeça, como se estivesse vendo e applaudindo uma coisa muito longe dos seus olhos.

— Deus vos salve, filha! Bem sei o que vos traz aqui tão assustada! disse ella, suspendendo o fuso, e encarando a donzella. O falcão viu a rolinha, e cubiçou-a? Tinha de ser! Estava escripto lá em cima, e o que hade acontecer tem muita força. Conta-me tudo, e depois veremos.

Quando acabou de a ouvir, Aldonça respondeu sem se alterar: — Ora pois, louvado seja Deus! O dia e a hora vem perto. O destino pode mais do que o homem. A aguia real saiu do ninho, e já me disseram, que antes d'este anno corrido, havemos de ver novidade grande. Animo, filha! Por mais agudas, que sejam as garras do falcão, não te hão de ferir a ti. Vae-te á fonte da moira, e dize que sim a quem lá encontrares. As vezes d'onde menos se espera, d'ahi vem o remedio. Não te demores; o sol já se escondeu, e não é bom que uma donzella ande de noite. Descansa que ainda hasde ser feliz.

Ditas estas palavras o fuso tornou a gyrar, o linho continuou a enrolar-se debaixo dos dedos, e a velha caiu em um scismar tão profundo, que os seus ouvidos não ouviam, e os seus olhos pareciam mortos.

A Silvaninha não esperava por mais, e encaminhou-se logo ao sitio; mas apenas chegava ao pé do primeiro ulmeiro, do mais velho, deu um grito, e parou.

Junto da fonte não estava nem a serpente, nem a corça branca; mas um mancebo robusto e cheio de garbo, filho d'um dos mais abastados cavalleiros villões da terra de Miranda.

Porque esmoreceram de repente nas fêces da donzella as rosas, que a fadiga tinha avivado, e porque lhe bateu o coração no peito com tanta força?

O amor é que vos podia responder!

Tello Vasques, o melhor bêteiro de toda aquella vizinhança depois da morte de Garcia de Marnel, era o noivo, que todas as raparigas invejavam, e disputavam nas cinco aldèas em redor; mas debalde, porque a vista d'elle nunca se abaixou para nenhuma, nem a sua bocca se abriu para dizer uma graça, ou um requebro sequer á mais gentil.

A Silvana foi a primeira, e unica paixão, que teve; e se a combateu e calou por muito tempo, era com receio de que seus paes a desapprovassem.

Que motivo o trazia, pois, áquella hora, junto da fonte, por onde a orphã havia de passar, quando recolhesse?

Ninguem o sabia, senão a velha Aldonça que sabia tudo; mas adivinhou-o a donzella namorada, porque antes de o ver, já ella sentira que Tello estava perto.

E entretanto, corava e empallidecia, e toda tremula, e com a vista no chão não ousava levantar a cabeça, nem soltar uma palavra.

Continua.

L. A. REBELLO DA SILVA.

UMA RUA DE MOKA.

Conclusão.

A cidade pequena e desaceiada apresenta o aspecto de quasi todas as dos arabes; ruas como corredores infectas e onde reina sempre insupportavel calor, reverberando sem cessar das paredes de lava do vulcão; uma mesquita de escaças dimensões, bazares immundos, alguns quarteis espaçosos, mas onde os typhos e a peste dizimam a guarnição ingleza, são os unicos objectos que ali podem ver-se. Nas taldas do rochedo e sobre o golpho de Aden é onde o governo e o commercio fixaram a sua residencia; ali embarcam e desembarcam de continuo milhares de toneladas de carvão de pedra, capazes de alimentar esquadras de navios a vapor; na praia nua vagueiam sisudos Parsis (adoradores do fogo) com seus compridos capuços de Astracão e togas brancas, pendendo-lhes da cinta o infallivel tinteiro e o classico pergaminho, e occupando-se, com uma seccura e asperza quasi judaicas, de variadas transacções commerciaes; porque, n'este local a energia ingleza teve de ceder em vista da inelencencia de uma atmosphera ardente, e deixa nas mãos d'aquelles

proscriptos o estandarte industrial, que tem arvorado em todos os povos do mundo.

Largando de Aden, no momento em que se vão sumindo no horisonte os altos pincaros do seu vulcão, descortina-se do lado opposto a costa africana, e as duas terras apertando cada vez mais o braço de mar que as separa vem delinear ao norte o estreito de Bab-el-Mandeb. O cabo d'este mesmo nome é situado na costa d'Asia; baixo e areento forma com os rochedos africanos, denominados os irmãos, o estreito, o qual é dividido pelo ilheo vulcanico de Mehun em duas passagens. A terra da Abyssinia mais elevada do que a da Arabia offerece diversas camadas de rochas calcareas empilhadas confusamente similhando as ruinas d'um edificio gigante. Provavelmente é ao aspecto terrivel e devastado d'estes logares que o passo recebeu dos arabes o nome de Ponta das Lagrimas. Seguindo o passo do sul e aproximando-se das ribeiras arenosas do Yemen, os navios continuam a sua derrota pacifica. Em breve no meio de uma campina de verdura, aspecto novo, divisa-se uma cidade de muralhas caídas, que parece reclinada brandamente na encosta d'uma collina que vem fenecer á beiramar: é Moka.

Os raros navios que se baloçam na bahia aberta a todos os ventos são os que esperam do interior a chegada das caravanas carregadas de café delicioso, cuja fama é universal. Para conservar memoria da vista pittoresca que a cidade mostra do mar é preciso não desembarcar; no solo os pés só pisam ruinas; uma rua larga e bem edificada, uma mesquita, cuja architectura é d'um estylo grandioso são as unicas curiosidades que podem mencionar-se.

Em 1708 ondeou sobre as muralhas de Moka a bandeira franceza, que depois foi esquecida; n'aquella epoca a França procurava lançar ali as bases d'um estabelecimento destinado a ligar a metropole com as suas possessões da India, afinal não foi avante; posteriormente os inglezes imitaram-na; porém souberam conservar uma influencia que augmenta de dia para dia, e uma posição, que se fez poderosa em razão da proximidade da praça e abra de Aden, e de ter o pachá do Egypto abandonado as cidades do Yemen.

Partindo de Moka segue-se ainda a costa arabiga, indicada no horisonte sómente pelo clarão afogueado que procede do reverbero dos areiaes. Debaixo do sol abrasador que escandece o ar, vem de mais a mais o vento secco do deserto augmentar os padecimentos do viajante; nada ha em que os olhos descansam e se distraiam, excepto alguns ilheos calcinados, e as pesadas barcas arabes, que o suão a custo impelle.

Mas não tarda que pareça altear-se d'entre o azul ferrete do mar o corucheu d'uma mesquita arruinada; a selva de mastros, onde fluctua o estandarte do propheta, mal encobre um aggregado de casas agachadas na penedia da praia, é de que se compõe a cidade de Djidá; este o ultimo descanso, por ser a penultima jornada, da cafla dos peregrinos, que por este valle arido e saibrento vão á sua cidade santa. Todo o chão é tomado com tendas, gente e camellos ou dromedarios; todos desde o osmanli rico e civilizado até o moiro preto rude e esfarrapado trazem turbante verde, indicio certo da romaria; ás beiras do caminho, que é marcado pelos sepulchros dos crentes e muitas ossadas de dromedarios mortos extenuados do cansaço, os mendigos e santões imploram a caridade musulmana, mostrando uns chagas hediondas, e offerecendo outros n'um certo extasi uma especie de rosarios rusticamente trabalhados; além estende-se o deserto com todo o seu horror solemne, não como pintores e poetas o descrevem, mas uma planura immensa e escabrosa, semeada de seixos roliços e lustrosos, e onde rompem ora aqui ora ali arestas vivas e espigões de penhascos; em taes solidões escalvadas nada recorda imagens da vida; apenas na orla exterior do ermo ainda apparecem alguns abrolhos enfezados, e poucas palmeiras dispersas; ali estanciam e dominam o adibe e a hyena; se ás vezes uma tímida gazella se afoita a saltar á estrada, some-se prestes no proximo fraguado.

Ao cabo do valle, obra de seis leguas de Djidá, achase Meca, patria de Mafamede ou Mafoma; o terreno revolvido que a rodeia attesta a laboração de fogos subterraneos de ha muito apagados. É no meio d'esta cerca de rochedos cinzentos que jaz o thesouro da graça que os mahometanos ahí vão demandar de toda a parte do mundo.

Nas eras mais remotas a Arabia seguia o culto primitivo dos patriarchas, e algumas tribus solitarias praticavam a idolatria quando as leis de Moyses, o christianismo e suas heresias lá penetraram em epocas differentes; com estas varias revelações os animos, vacillantes na crença, estavam dispostos a receber uma doutrina nova. Finalmente appareceu um reformador. Mahomet imbuido da poesia e das tradições da sua tribu, celebre entre as mais como guarda da Kaaba, escreveu as maximas do Alcorão, e compilou no Sonna as decisões dos legistas e dos theologos, offerecendo estes dois livros como santos e como bases divinas e humanas da religião nova; a esta fonte, que contém as leis moraes, civis e militares, se hade ir buscar para formar-se idéa da civilização arabe.

O dogma que Mahomet reconheceu por principal foi a unidade de Deus; mas, por odio á religião de Christo, forcejou com toda a argucia d'uma dialectica aristotelica para concentrar todos os attributos da divindade na absoluta unidade, separando assim para sempre o dogma ma-

homem do dogma christão; apesar d'isso, esta idéa foi progressiva, destruiu a idolatria arabe, substituiu a dualidade persa, e deu ao islamismo impulso vigoroso logo á nascença.

O dogma da predestinação absoluta, postoque contrario ao texto do Alcorão, e ás tradições do Sonna, veiu a ser a crença desconsoladora e fatal, a que se sujeitou a immensa maioria dos mahometanos; á influencia d'esta doutrina nos povos do oriente cumpre attribuir a sua molleza nas coisas da vida privada, e a passividade nos actos da vida politica, curvados á sentença de cego destino, se ás vezes uma energia febril os leva a vigorosas acções, abandona-os ao primeiro obstaculo que se offerece, e ao primeiro revez descaem novamente na indolencia que os submete aos impulsos extérnos.

Querendo seguir as vias traçadas pelas revelações, Mahomet reconheceu as missões sagradas de Moysés e de Jesus Christo, mas teve o cuidado de declarar-se o ultimo e o mais santo dos prophetas. Apesar d'isso, dois fanaticos, tomando d'elle exemplo, o combateram frente a frente; então abandonou a logica para sancionar a paixão da guerra, tão profundamente inculcada no animo dos arabes, e para proclamar como primeiro dever de sua religião a guerra sagrada contra os descrentes.

No dogma da vida futura, promettendo castigos e recompensas, reconhecendo intermedia entre o homem e a divindade uma hierarchia de entes espirituaes, anjos e demônios, Mahomet nada inventou, e até ficou inferior á moral e á poesia do Oriente pagão: são bem conhecidas as sensuaes e grosseiras promessas de outra vida, com que procurou attrahir proselytos e manchou o dogma da immortalidade.

Considerando Mahomet como um ambicioso, que desejava seduzir discipulos mais fanaticos do que illustrados, facilmente se percebe que no centro dos areas do deserto ardente fizesse brilhar a esperança de amenas e frescas sombras na patria que a temperamentos fogosos promettesse faceis e eternos amores, e que a todos os que a despeito das miserias d'uma vida errante seguiram no principio a sua bandeira inculcasse como premio tempos de indolencia e repouso; n'este particular a sua obra foi sómente astuta e politica. Porém, no Alcorão reconheceu Mahomet a escravidão, o despotismo paterno, a inferioridade nata da mulher, em summa levantou tudo o que o christianismo havia abatido.

A maior parte do seu livro é relativa ás praticas exteriores, rezas, jejuns, purificações tudo ali vem; mas, n'essas praticas nada ha que toque o coração; tudo é secco, até mesmo a caridade musulmana que não passa d'uma lettra morta da activa caridade christã.

Sobre estas bases estabeleceu Mahomet a sua religião, que roubou ao christianismo quasi todos os povos do oriente.

M.

SAUDADE.

À MEMORIA DE MINHA MÃE.

Mais qui pourra me la faire oublier?
CORBIERE

Saudade amarga, que a minh'alma ralas,
Como é horrivel teu pungir constante
Rasgando sempre fibra a fibra um peito,
Que vive — morto — n'este falso mundo!

Maldita vida! — que te suma a terra!
Que a vida é nada, — que a orphandade é triste;
Abre-me o seio, campá, asylo extremo,
Que o somno eterno venha em meu auxilio!...

Orphão no mundo, — de riquezas orphão,
Sósinho e triste, sem amigos mesmo,
Para que vivo? — Que esperava louco?
Achar amigos, quando nada tenho?!

Nada! — Que digo? — pois não tenho tanto
Tendo a saudade que da mãe me fica,
E a imagem d'ella, dentro d'alma impressa
— E outra saudade... vida d'esta vida?!

Mas é tristeza não lhe ouvir as fallas!
Nem ter seus braços! — nem lhe ver o rosto!
Ai! — que me resta minha mãe perdendo?
Choral-a!... E o tumulto entre nós erguido!

« Ó tu que habitas na mansão dos justos,
« E que tão cedo me fugiste. — Attende:
« — Pelo teu filho, que tão só deixaste
« A Deus implora, qual fizeste em vida!?

Dezembro de 1855.

JOÃO GUILHERME TEIXEIRA.

Quem sympathisa com o crime, não está longe de ser criminoso.

Quando a consciencia do empregado se põe em guerra com as pretensões dos superiores, aquella se vê forçada a capitular.

IMPRESSÕES D'UMA VIAGEM.

IV

Continuação.

Tocou-se uma *contradanza*; Mathilde estava *engajada* e foi dançar. Retirei-me ás outras salas para ver se encontrava Eugenio; o mancebo não tinha chegado ainda. Encostei-me ao umbral d'uma porta, e lembrei-me d'elle contemplando a angelica figura da sua prima. Pensava em que deviam amar-se os dois. As feições severamente accentuadas do mancebo, e ao mesmo tempo cheias de toda a mobilidade que lhe davam as paixões d'aquelle elevado espirito, ao pé da belleza casta e das delicadas formas da donzella, deviam mais tarde, quando um vivo amor os illuminasse a ambos, formar um d'esses quadros dignos do pincel dos grandes mestres.

«Veio arrancar-me d'este vago imaginar um amigo que me bateu no hombro. Era F... que tão bem conhecem.

«Perde o tempo, meu caro sir John; aquella virgem de olho azul e corpo de anjo vae casar-se dentro de pouco com um provinciano gordo, tolo, e gago. Disse-me elle com a mistura de ironia e affabilidade que tem na voz.

Não intendo, diga-me primeiro a quem se refere.
— Ora vamos, á filha do visconde que está dançando aqui, defronte de nós.

— Pois vae casar-se?
— Aiada agora o sabe? Desde que o outro primo perdeu a fortuna, o pae revendo a *arvore* da geração, achou que a este trasmontano é que pertencia directamente a mão de sua filha.

— Mas isso é uma infamia sem nome. E se ella amar Eugenio, como é de suppor que a estas horas já se amem perdidamente os dois?

— Que importa isso? Não sabe que trinta contos de réis annuaes, e um titulo qualquer, são balsamo para curar toda a ferida que tenha feito o deus de amor? Proseguiu F... ironicamente.

Eu fiquei abstracto, e queria duvidar ainda d'aquellas palavras. N'esse instante acabou a *contradanza*, o visconde chegou-se a mim, e disse-me:

Quero apresentar-lhe o meu futuro genro. É filho do sr. D... o meu mais intimo e velho amigo. Ao darmos a mão, aquella ridicula personagem gaguejou um esquerdo cumprimento e desapareceu felizmente.

«A este tempo duas tias que cochichavam devagarinho, n'um excesso de amor religioso, compararam os cabellos do joven morgado com a cabelleira do menino Jesus.

«Este sim! diziam ellas, foi creado com temor de Deus, sempre ao pé d'aquelle santo fr. João. O outro, minha rica... um alfariõ, um libertino, credo! Ainda bem que a nossa *Mathildinha* se livrou d'elle.

«Eu revoltei-me de ouvir aquillo, entrei na sala, e dei de frente com a distincta figura de Eugenio, que apparecera no lumiar da porta.

«N'essa noite a sua physionomia estava mais insinuante ainda que de ordinario. Os cabellos e olhos negros destacavam na pallidez do rosto, transtornado pela primeira e forte luta de espirito.

«Correu a sala sem reparar particularmente em ninguém, nem na prima que estava tão linda, e que lhe adejou um sorriso de alegria pelos labios assim que o viu entrar.

— Então, Eugenio, é d'esse modo que se costumam tratar os amigos? Ha um seculo que não apparece. Que fez dos seus planos? Onde estão os seus projectos? disse-lhe eu ralhando com elle amigavelmente.

«Sorriu-se, e respondeu-me que desejava fallar-me. Dei-lhe o braço, e descemos até o jardim.

— Sabe que minha prima vae casar-se, que meu tio se chegou a mim ha dias, e me disse, que devia sair de casa, porque o mundo podia levar a mal que eu, um homem, estivesse vivendo ao pé de sua filha, que estava já uma senhora. Compreheo o que vae de infame n'isto? Elle que ha pouco tempo quasi que me fallava directamente em idéas de casamento, e agora com a perda da minha fortuna descobre-se assim, revela sem pudor toda a miseria d'aquelle alma!

«A voz saia-lhe abafada do peito, e mal se lhe articulavam as palavras nos labios convulsos pela indignação.

— E ella, sua prima, consente definitivamente no casamento?

— Porque não? Foi a primeira a dizer-m'o, com a mesma singeleza com que me confiava d'antes os seus segredos de creança.

— E vamos, Eugenio, confessou-lhe que a amava?
— Eu? disse elle estremecendo de ouvir estas palavras. Eu não podia confessar-lhe o que não sinto por ella.

«Entendi o despeito que pretendia encobrir aquelle amor, que acordava energico e ardente, assim que a mão da infelicidade o tocava.

Calámo-nos, e no fim d'um quarto de hora subimos outra vez para a sala.

«Tocava-se uma valsa. Mathilde perguntou a Eugenio se não dançava. Elle respondeu-lhe que não. Nem comigo? disse-lhe a prima com um som de voz irresistivel. O mancebo empallideceu, deu-lhe o braço e entraram ambos na casa de baile.

«Que duas gentis figuras aquellas! Ella mal tocava o chão com os dois pequenos pés de fada, elle levava-a ao som da cadencia, vertiginosa e languida ao mesmo tempo. Contemplando-os, tinha-me esquecido de tudo, e cuidava ter diante dos olhos *Amaury e Magdalena*, voltejando ebrios de amor e de ventura, ao som d'aquelle melancolica valsa de *Weber*.

«Mas assim como esse encanto se quebra para o mancebo que acorda de repente, sobpesando nos braços o corpo inanimado da sua amante, assim tambem por modo diverso acordei eu d'esta vaga esvoação do pensamento para as regiões ideaes, vendo passar por defronte de mim a rotunda figura do abastado provinciano.

«A musica cessara, e Eugenio conduziu Mathilde ao seu logar.

«Todo o resto d'aquelle noite pensei em caminhos de ferro, nos productos da exposição, n'essa linha de vapores que vae estabelecer-se de Londres ao Rio de Janeiro.

Sir John parou aqui abrindo convulsivamente a bocca, soprando e sacudindo fortemente os dedos; o charuto, que estava nos ultimos paroxismos, tinha-lhe escaldado os beiços.

A historia suspendeu-se por algum tempo, e o dialogo principiou sobre ella.

Continua.

BULHÃO PATO.

UM LIVRO NOVO.

Lemos um livro publicado pelo senhor Francisco Soares Franco, Junior bacharel pela Universidade de Coimbra, e um dos nossos mais distinctos e modernos oradores sagrados.

Este livro, que comprehende os sermões prégados em diversas egrejas de Lisboa e termo, e bem assim a oração funebre, recitada junto da sepultura do infeliz Lazaro, estudante da Universidade, barbaramente assassinado em Coimbra, é um livro repassado de unção e de verdade, de religião e philosophia.

O sr. Soares Franco, cuja vida ecclesiastica desponta tão rica d'estudo, hade, decerto, avançar na vereda eucetada, porque não é homem que pare quando o seculo diz — caminha!

O mancebo que se consagrou ao sacerdocio espontaneamente e de coração, não desmentirá os impulsos d'alma que lhe deram a vocação.

O livro que o sr. Soares Franco acaba de publicar, não carece de recommendação; se a precisasse, a nossa voz seria debil para isso. Recommenda-se por si mesmo. Eis o seu verdadeiro e unico elogio.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicaram-se, e acham-se á venda na loja do Editor do Panorama, os sermões de Francisco Soares Franco, Junior.

É um folheto de 128 paginas. Preço 480 rs.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 34.º num. do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A NOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

AS DUAS EPOCAS DA VIDA, comedia em dois actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

POESIAS DE L. A. Palmeirim, 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira, 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas, 1 vol. 8.º fr. 200

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OIRO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça, 1. vol. 8.º fr. br. 720

No Prelo:

POESIAS DE J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.

COMO SE SOBE AO PODER, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr.

A TORRE DO CORVO, drama por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr.